

**[ENTREVISTA]**

99

CIBERPROLETARIADO, CICLOS DE LUTAS E MÍDIAS DIGITAIS

Por_Rafael Grohmann

Fotos_Divulgação

O pesquisador canadense Nick Dyer-Witthford se considera parte do marxismo autonomista. Mas está mais próximo de Karl Heinz Roth do que Antonio Negri e Michael Hardt. Em 1999, Dyer-Witthford lançou o livro “Cyber-Marx”, em que fala dos ciclos e circuitos de luta no contexto atual do capitalismo, envolvendo as tecnologias. Em 2003 e 2009, escreveu em co-autoria dois livros envolvendo a questão dos games: “Digital Play: the interaction of technology, culture and marketing” (com Stephen Kline) e “Games of Empire: global capitalism and vídeo games”. Em junho de 2015, Witthford retomou as discussões de Cyber-Marx ao lançar “Cyber-Proletariat: global labour in the digital age”, e esse é o principal assunto de sua entrevista à *Revista Parágrafo*.

PARÁGRAFO Em seu último livro, “Cyber-proletariat”, o senhor fala em “capitalismo cibernético” e “capital algorítmico”. Como enxerga a importância da cibernética e dos algoritmos para o capitalismo contemporâneo e para a comunicação?

NICK DYER-WITHEFORD

100 “Cibernética” é um termo antigo, hoje em grande parte substituída por “digitalização”, “TICs” (tecnologias da informação e da comunicação) ou “economia do conhecimento”. É, no entanto, um nome de ressonância, derivado do grego kybernetes – que dá uma conotação de comando e controle, e aponta para a profunda questão por trás do desenvolvimento de computadores e redes, de quem ou o que vai governar em uma era de máquinas inteligentes. Os principais teóricos da cibernética – Norbert Wiener, John von Neumann e Claude Shannon – fundiram trabalhos em autômatos computadorizados e redes digitais, o que estabelece os fundamentos da era informacional do capital. As novas tecnologias desenvolvidas no âmbito do “triângulo de ferro” do complexo militar-acadêmico-industrial dos Estados Unidos para combater a ameaça externa do socialismo de Estado também foram, quase desde a sua criação, mas especialmente a partir dos anos 1970, implantadas no front do capitalismo avançado, para quebrar a força da “massa de trabalhadores coletivos” industriais. Essa ofensiva cibernética envolveu fábricas automatizadas – a clássica liquidação mecânica do trabalho prosseguiu em níveis superiores por robôs e ferramentas auto-guiadas - deslocalização da produção industrial através de cadeias de comodi-

ties dependentes de infraestruturas de telecomunicações, interfaces modulares, código de barras, desenvolvimento de novas formas de mercantilização, principalmente nos ramos de computação, internet, vídeo games, aplicações financeiras e redes sociais, todas indústrias formadas fora das tradições de lutas de classes próprias do trabalho industrial; financeirização eletrônica, conectando bancos e mercados de estoque e também desenvolvendo, cada vez mais, instrumentos financeiros esotéricos, inicialmente para cobertura defensiva de investimentos estrangeiros, depois se transformando em atividades especulativas de alto risco dependentes de modelagem computacional e trading de alta velocidade. Após mais de quarenta anos desde 1970, estes processos decompueram as bases fabris da classe trabalhadora clássica, principalmente formada por homens, eventualmente relativamente a mais bem-paga massa de trabalhadores do noroeste planetário. O que emergiu, então, foi a base técnica de uma nova composição de classe – aquela do proletariado global, talvez mais propriamente um conjunto de proletariados globais fatiados e dispersos ao longo das cadeias de abastecimento que dão ao capital um fornecimento mundial de força de trabalho até mesmo como sua necessidade para que a força de trabalho seja reduzida pela automação e pela evasão causada pela financeirização. Um índice dessa mudança nas forças de classes é a crescente participação da riqueza, medida pelo PIB, que passou para o capital em detrimento do trabalho ao longo dos últimos trinta e cinco anos em quase todo o mundo.

A partir disso, o que é, pensar o capitalismo como um “vortex digital”? O capital é, como dizia Marx, um redemoinho de vento – como uma formação em que ambos dependem de trabalho e substitui-o por máquinas em uma contradição em movimento. Acima dessa incessante absorção e ejeção do trabalho, estão outros processos rotacionais – a circulação de mercadorias, da produção à troca, e atividades financeiras de crédito e especulação em que o capital tenta suavizar os desequilíbrios e contradições de outros momentos. O “vortex” é, então, o circuito do capital, e que se tornou “digital” como aquele circuito que está impregnado com tecnologias cibernéticas em todos os níveis. Eu uso essa metáfora do vortex, do redemoinho ou do turbilhão, e que Marx e Engels abordam em sua famosa descrição de como, na globalização burguesa, “tudo o que é sólido se desmancha no ar” para sugerir o dinamismo e a complexidade sistêmica do processo.

E como o senhor compreende a relação homem-máquina atualmente? Considera o ser humano como “sujeito social”, tal qual Marx em “A Ideologia Alemã”?

O homem é um sujeito social, mas o sujeito social é também um sujeito maquínico. Na gênese do homem, o processo de hominização é inseparável do uso de ferramentas e do desenvolvimento de novas capacidades sociais sempre foi entrelaçada com novas tecnologias. Nesse sentido, como Katherine Hayles memoravelmente observou, nós “sempre fomos pós-humanos” – e não devemos ficar muito assustados com a relação homem-máquina em curso. Entretanto, gostaria de dizer que isso não exclui a possibilidade de

que, atualmente, em certa medida, o desenvolvimento maquínico seja promovido pelo capital em sistemas industriais, financeiros e militares direcionados à inteligência artificial e que seriamente removem os atributos que nós agora consideramos definitivos para o humano, como a agência deliberativa e uma relação sensual com a natureza. Devido a isso, as passagens de Marx que foram mais relevantes para mim na escrita de meu último livro, Cyber-proletariat, foram os trechos d’O Capital em que ele descreve a subordinação do trabalhador a um sistema cada vez mais tecnocientífico “alienígena” e a frase arrepiante nos “Manuscritos Econômicos e Filosóficos” onde ele declara que “no final, um poder desumano age sobre todas as coisas”.

o senhor é considerado parte do marxismo autonomista. Para você, qual a relevância do marxismo e a especificidade da corrente autonomista para as teorias da comunicação? Eu penso que a relevância do marxismo tanto para a vida em geral quanto para a comunicação em particular é óbvia quando os recursos de conhecimento e sociabilidade são dominados por corporações como Google e Facebook: este é realmente o ponto culminante de um processo descrito como a subsunção do capital à toda a sociedade. O que Marx não aborda adequadamente n’O Capital – mas talvez tenha a intenção de fazê-lo nos volumes posteriores – é a força contrária, a luta de classes, que poderia interromper e redirecionar esse processo. O pensamento autonomista é importante porque centra na questão do contra-poder e compreende que o desenvolvimento do capital é indissociável

do conflito de classes, conflito esse, contudo, transformado em uma série de “ciclos de lutas”. Isso nos permite pensar tanto a constância do antagonismo de classe dentro do capital quanto como as características de tal antagonismo muda historicamente. Por exemplo, hoje, em algumas áreas do mundo, ela não se manifesta tanto em greves de fábricas quanto em ocupações de praças e espaços públicos coordenados por meio de redes sociais e celulares (embora, precisamos falar, a militância de fábrica tem crescido na China, mas com greves também conduzidas por celulares e redes sociais). A exigência de uma teoria marxista da comunicação hoje é compreender as condições do “intercurso universal” (como Marx e Engels diziam em “A Ideologia Alemã”) criado pelo mercado mundial tendo em conta as forças que interagem tanto na subsunção capitalista quanto nas novas formas de contra-poder de classe.

A autora Ursula Huws tem estudos sobre o que ela chama de “cibertariado”. O senhor fala em “ciberproletariado”. Em sua visão, há diferenças de perspectivas? O trabalho anterior de Ursula Huws, de 2003, sobre o cibertariado foi um importante exame de como as cadeias de valor digitais tem intensificado a mobilização do capital por uma força de trabalho feminina e global realizando uma rotina neo-taylorizada, trabalho este que é perpetuamente cruzado com as exigências do trabalho não-pago em casa, e contrasta fortemente com formas glamourizadas, masculinizadas e “cool” do chamado “trabalho imaterial”, celebrado por teóricos autonomistas como Michael Hardt e Antonio Negri. Meu argumento se

insere, em linhas gerais, no que se chama de marxismo autonomista, mas dentro de uma corrente menos conhecida que a de Hardt e Negri – em particular a partir do trabalho de Karl Heinz Roth e seu conceito de “proletariado global”.

Como o senhor trata essa questão das classes? “Classe trabalhadora” e “proletariado” são termos geralmente utilizados como sinônimos para significar simplesmente trabalho assalariado. No entanto, proletariado pode abrigar um sentido mais amplo. Marx era claro que ser um proletariado era, por definição, uma condição de precariedade, constantemente sujeito à passagem de uma exploração no local de trabalho para o “vazio absolute” de desemprego e não-existência social. Roth e seu co-autor, o historiador do trabalho Marc Von Linden, insistem que o foco exclusivo no trabalho assalariado falha em compreender as bases do capital no século XXI. Eles delinham um proletariado “multiverse” compost por diversos trabalhos assalariados e não-assalariados, enfatizando o quanto a economia global depende de formas de trabalho informal, forçado e escravo e outras formas precárias de trabalho, muitas delas agora ocorrendo nas mídias digitais. Roth também esboça uma dinâmica de “des” e “re”-proletarização vivida por determinados trabalhadores que saem de uma pobreza extrema e um desempoderamento por meio de uma organização forte ou habilidades especiais somente para recobrir uma re-proletarização a partir de mudanças tecnológicas ou novas ferramentas de trabalho, acabando com postos de trabalho aparentemente seguros e com boas recompensas, um processo que nós temos visto exploder de-

101



Agora, como na época de Marx, o proletariado indica a incessante e progressiva exploração dentro e fora do trabalho ”

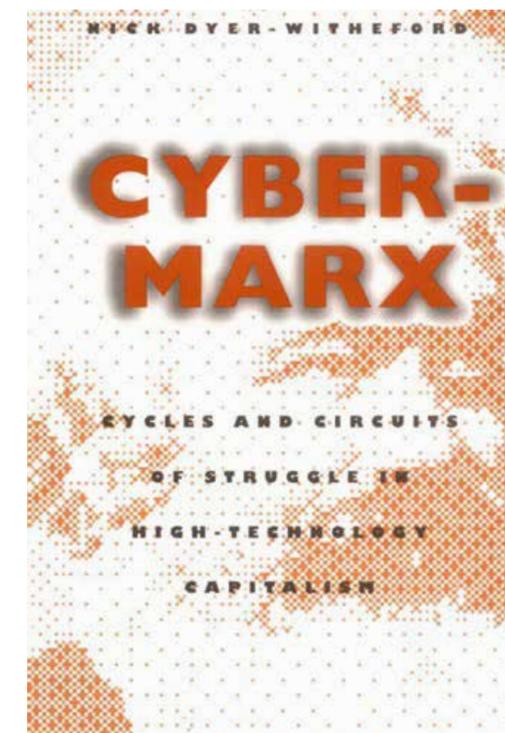
102 pois da quebra de *Wall Street* na América do Norte e na Europa onde profissionais empregados ou aspirantes à “classe media” foram empurrados para o desemprego e para o mercado de trabalho informal. Uma grande parte da classe trabalhadora existe em uma relação muito intermitente em relação a salários. O proletariado engloba não somente os empregados ‘flexível’ que montam eletrônicos ou atendentes de *call-center* mas também as antigas populações camponesas que são capazes de arrancar a terra para conseguir um emprego e praticam diversos tipos de sobrevivência informal ou o trabalho realizado a partir da automação cibernética e comunicacional. Agora, como na época de Marx, o proletariado indica a incessante e progressiva exploração dentro e fora do trabalho, a precariedade, a classe que tem que viver do trabalho – uma condição elevada a um novo pico por causa da cibernética.

No livro “Cyber-Marx”, o senhor fala sobre uma “circulação de lutas”. O que esse conceito quer dizer exatamente? Bem antes dos tempos digitais, os teóricos do operário, um antecedente do marxismo autonomista na Itália, contrastou a circulação do capital,

acelerando a realização do valor em troca de mercado com a circulação das lutas, conectando as resistências à acumulação capitalista. No meio dos anos 1990, uma outra globalização estendeu isso via internet a partir de centros de mídia independentes, tecendo o que Harry Cleaver chamou de uma “fábrica eletrônica de lutas”, contornando os filtros ideológicos do capital midiático. O que poderíamos chamar de “Revoltas de 2011” – ciclo de lutas que, após a quebra de *Wall Street*, foi desde os protestos anti-austeridade na zona do Euro até a Primavera Árabe e o movimento *Occupy*, e então, protestos na Turquia, no Brasil, na Ucrânia e em outros lugares – deu uma reviravolta nessa história. Essas chamadas “revoluções de Facebook” inflamaram um quente debate entre os defensores do poder radical nas mídias digitais e aqueles que minimizam o seu papel nos movimentos sociais ou que as veem como prejudicial para as políticas de classes. O tropo das revoluções das mídias sociais tem sido, sem dúvida, fetichizado nas narrativas midiáticas – como se, por exemplo, o Facebook tivesse causado revoltas, como se nunca tivesse havido rebeliões antes dos smartphones. Esse é um manifesto absurdo.

No entanto, as agitações de 2011 ocorreram a partir das populações para quem a cibernética estava se tornando cada vez mais comum. Uma parte substancial do meu livro mais recente, *Cyber-Proletariat*, é dedicado a analisar o papel do digital nessas circulações de lutas. O desvio das tecnologias pelo capital é, na minha visão, um processo mais contraditório do que as visões tanto dos entusiastas quanto dos detratores das chamadas “revoluções do Facebook”. Houve pontos fortes e fracos nas revoltas de 2011, que foram orientadas por uma variedade de forças sociais opostas. Por isso, avaliar o papel das mídias sociais na circulação de lutas é uma equação tão complexa.

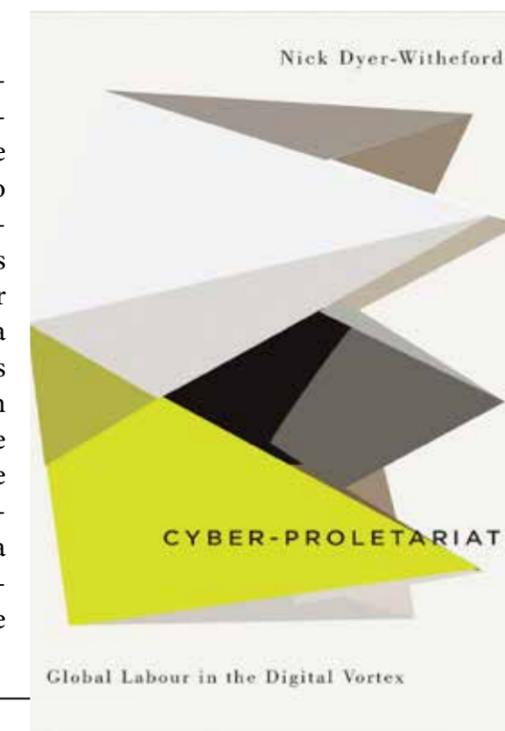
No seu livro mais recente, “Cyber-proletariat”, o senhor afirma que “a comunicação móvel é uma nova forma da dominação do capital sobre o mundo do trabalho”. A explosão no uso global dos telefones celulares é, sem dúvida, de muito maior significado social em relação à propagação mais lenta da internet. Devo muito o meu pensamento em relação aos celulares a Rafael Alarcón, um jovem pesquisador mexicano que trabalhou um tempo comigo no Canadá. Ele fez uma pesquisa de-



O tropo das revoluções das mídias sociais tem sido fetichizado nas narrativas midiáticas ”

talhada sobre o uso do celular em El Salvador e esteve pesquisando recentemente no Brasil. Quando o vórtex cibernético chega ao ápice, ele é ouvido como o toque de um celular. Marx descreveu a mercadoria como uma “forma celular” do capitalismo. Hoje, um trocadilho ruim e uma inversão nos colocam o celular como uma mercadoria genotípica do mercado mundial, em um sistema tecnológico que requer pessoas em movimento perpétuo, sempre em velocidade, constantemente envolvido no que Marx chamou de “aniquilação do espaço pelo

tempo”, mesmo quando continua-se a mover por meio do espaço, perpetuando várias formas de trabalho, a realização prática do “intercurso universal” que acompanha a circulação global das mercadorias – incluindo a maior migração de mercadorias e força de trabalho humana. De muitas maneiras, o telefone celular tem servido como um instrumento de integração de populações no que uma vez foi chamado de “capitalismo global hi-tech”, mas é uma integração que geralmente é mantido por um conjunto de força de



trabalho precária e transitória. Contudo, eu não seria propriamente um marxista autonomista se eu não fizesse menção ao outro lado disso: o crescente uso do celular como arma dos “pobres furiosos” nas revoltas ao redor do planeta.

Como o senhor vê a relevância do mundo do trabalho para a comunicação atualmente? Há ainda quem fale em “fim do trabalho”...

Não há fim do trabalho no capitalismo. Enquanto a cibernética cria o potencial para reduções significantes no tempo de trabalho socialmente necessário, o que há é apenas uma manifestação perversa desse potencial: o trabalho com uma crescente insegurança com relação ao salário. A aceleração do movimento contraditório do capital a partir das tecnologias da informação está produzindo resultados paradoxais. Por um lado, o envolvimento da população global nas cadeias de abastecimento em rede e nos ágeis sistemas de produção está fazendo a força de trabalho ficar disponível para o capital em escala planetária, e por outro lado, uma unidade de desenvolvimento de autômatos-peritos e softwares algorítmicos tornam, cada vez mais, esse trabalho redundante. O capital está criando um proletariado global encarregado de sua própria força de trabalho, ou pelo menos, fora de qualquer trabalho regular, trabalhando incansavelmente para desenvolver sistemas de robôs e redes, robôs em rede e redes de robôs. Com isso, o trabalho é cada vez mais duro, mais flexível e barato, com uma série de relações de trabalho mais precárias. Ao mesmo tempo, a extensão e sofisticação de uma rede de dinheiro eletrônico, dirigidos por agentes de softwares algorítmicos,

está levando o capital a encontrar o seu lugar primordial na financeiraização, invertendo todas as distinções convencionais entre a economia “real” e a “fictícia”. Contudo, esses processos também geram uma enorme crise em potencial. O ciclo de lutas, caracterizado por tentativas generalizadas da cibernética se reapropriar dos manifestantes, grevistas e ativistas de vários tipos ao longo do mundo, ainda não foi capaz de compilar uma força organizada capaz de mudar o equilíbrio das forças de classes, mas fornece algumas dicas para uma resistência proletária com muitas frentes, e esta é a tarefa que a pesquisa em comunicação precisa se aprofundar, vislumbrando o futuro. **P|**